

## A trajetória escolar de idosos da Zona Rural de Minas Gerais e as ações universitárias no resgate da esperança de voltar a estudar

*The school trajectory of elderly people in the countryside of Minas Gerais and the university actions in the rescuing of the hope to return to study*

*La trayectoria escolar de los ancianos de la Zona Rural de Minas Gerais y las acciones universitarias en el rescate de la esperanza de volver a estudiar*

Arthur Meucci

Universidade Federal de Viçosa

meucci@ufv.br

<https://orcid.org/0000-0002-4809-5120>

Camila Aparecida Carneiro Fernandes

Universidade Federal de Viçosa

camilafloresfernandes@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8461-5939>

Bethânia Medeiros Geremias

Universidade Federal de Viçosa

bmgeremias@ufv.br

<https://orcid.org/0000-0002-1188-7706>

### RESUMO

O estudo apresentado revela a trajetória escolar de idosos frequentadores do Programa Municipal da Terceira Idade que são provenientes da zona rural de Minas Gerais e suas expectativas educacionais em relação à Universidade Federal de Viçosa. Utilizou-se como referencial teórico a sociologia de Bourdieu, a teoria do reconhecimento de Honneth e os estudos sobre gerontologia educacional de Cachioni e Lima. Adotou-se uma metodologia qualitativa, no qual foi utilizada a pesquisa bibliográfica, as observações participantes e as entrevistas semiestruturadas com quatro frequentadores do programa ligados a zona rural, com ensino médio completo, reliazadas entre 2017 e 2018. Os resultados demonstram que esses idosos provenientes do meio rural não se reconhecem no direito de usufruírem das atividades universitárias educacionais, mesmo manifestando interesse. A análise do material coletado evidência que, durante suas trajetórias escolares, os entrevistados foram oprimidos pelo sistema escolar. Portanto, este estudo contribui para ressaltar a importância de se aprimorarem as políticas universitárias de inclusão dos idosos camponeses, especialmente em suas demandas educacionais específicas.

**Palavras-chave:** Gerontologia educacional. Ética na educação. Universidade à Pessoa Idosa. Educação campesina.

## ABSTRACT

*The present study analyses the school trajectory of elderly people attending the Programa Municipal da Terceira Idade who come from the countryside of Minas Gerais and their educational expectations in relation to the Universidade Federal de Viçosa. Bourdieu's sociology, Honneth's theory of recognition and the studies on educational gerontology by Cachioni and Lima were used as a theoretical framework. A qualitative methodology was adopted, in which bibliographic research, participant observations and semi-structured interviews with four program regulars connected to the rural area, with complete high school, were carried out between 2017 and 2018. The results demonstrate that these elderly people from rural areas do not recognize the right to enjoy educational university activities, even though they express interest. The analysis of the collected material shows that, during their school trajectories, the interviewees were oppressed by the school system. Therefore, this study contributes to emphasize the importance of improving university policies for the inclusion of elderly peasants, especially in their specific educational demands.*

**Keywords:** Ageing; Ethics in education; University of the Third Age; Peasant education.

## RESUMEN

*El presente estudio analiza El estudio presentado revela la trayectoria escolar de las personas mayores que asisten al Programa Municipal de Mayores que provienen del área rural de Minas Gerais y sus expectativas educativas en relación con la Universidad Federal de Viçosa. Se utilizó como marco teórico la sociología de Bourdieu, la teoría del reconocimiento de Honneth y los estudios sobre gerontología educativa de Cachioni y Lima. Se adoptó una metodología cualitativa, en la cual se realizaron investigaciones bibliográficas, observaciones de los participantes y entrevistas semiestructuradas a cuatro habituales del programa vinculados al campo, con bachillerato completo, entre 2017 y 2018. Los resultados muestran que estas personas mayores del medio rural no reconocen el derecho a disfrutar de las actividades educativas universitarias, aunque expresen interés. El análisis del material recolectado muestra que, durante sus trayectorias escolares, los entrevistados fueron oprimidos por el sistema escolar. Por tanto, este estudio contribuye a enfatizar la importancia de mejorar las políticas universitarias para la inclusión de los campesinos mayores, especialmente en sus demandas educativas específicas.*

**Palabras clave:** Gerontología educativa. Ética en la educación. Universidad Abierta para Adultos Mayores. Educación campesina.

## Introdução

O Centro Internacional de Longevidade Brasil (2015) e a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015) demonstram em suas pesquisas que a população mundial está permanecendo por mais tempo e com mais saúde no decorrer da velhice. Esse aumento na expectativa de vida deve-se ao diagnóstico precoce de doenças e ao acesso a remédios mais eficazes.

Quando vivem por mais tempo, as pessoas colecionam diferentes experiências, as quais influenciam diretamente no processo de envelhecimento que irão experienciar.

Dessa forma, é natural que haja diferenças entre as velhices de idosos que viveram durante toda a existência na zona urbana ou dos que viveram no meio rural. Os desejos, objetivos e receios correspondem à criação que receberam dos pais e às atividades das quais, por diferentes motivos, foram privados de participar ou àquelas que foram obrigados a desempenhar quando jovens.

A cidade de Viçosa, localizada no interior de Minas Gerais, possui suas particularidades. Ela abriga uma universidade federal reconhecida internacionalmente pelos trabalhos e pesquisas desenvolvidos em diferentes áreas do conhecimento. Contudo, uma parcela considerável dos idosos que frequentam seus programas de extensão são analfabetos ou se alfabetizaram apenas nas fases adulta ou idosa. Essa constatação aconteceu na observação participante feita no Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI), projeto de extensão em parceria com a Prefeitura, durante uma pesquisa de Iniciação Científica, na qual parte dos resultados serviu de base para este artigo.

Constatou-se, nesse programa social, uma grande quantidade de idosos provenientes das zonas rurais, cuja trajetória escolar ocorreu enquanto residiam e trabalhavam como agricultores. O público do campo manifestou diferentes demandas em relação aos idosos das áreas urbanas, além da resistência a usufruir de outros benefícios concedidos pela UFV. A sede do PMTI foi o primeiro contato que essas pessoas tinham com a universidade, mesmo entre aqueles que os filhos estudaram na instituição.

Os dados apresentados nas coletas iniciais motivaram os pesquisadores a problematizar a trajetória escolar do grupo de idosos camponeses, analisando os impactos dos projetos educacionais oferecidos pelo PMTI e pela Universidade com o objetivo de entender suas relações com os estudos e incentivá-los a retornarem.

Na primeira parte do trabalho, utilizamos como referencial os estudos sobre gerontologia educacional produzidos na última década. Como chave de estudo no campo da ética, adotamos o núcleo central de análise das dinâmicas de reconhecimento social segundo Axel Honneth (2003). A coleta dos dados envolveu as observações participantes no PMTI e quatro entrevistas semiestruturadas com os idosos provenientes do meio rural.

## Fundamentação teórica

As denominações para os sujeitos que atravessam a fronteira dos sessenta anos são múltiplas e contraditórias: idoso, velho, terceira idade. Esses termos são carregados de

sentidos múltiplos e historicamente produzidos. O sociólogo Pierre Bourdieu esclarece que “as divisões entre as idades são arbitrárias” (BOURDIEU, 2003, p. 151), sem referencial biológico e inscritas em uma luta social pela sua definição e sentido.

Desde as escolas filosóficas helenistas, como os epicuristas e os estoicistas, há interesse na educação das pessoas consideradas velhas, cuja palavra em grego (*ieros*) tem um significado que remete a “avós”, condição social que exige respeito e obediência pela experiência de vida. Para Epicuro, os idosos inspiram os jovens na busca pela tranquilidade da alma, a *ataraxia* (EPICURO, [280 a.C.] 2002). Para estoicos latinos como Sêneca, não se pode confundir a *ataraxia* dos idosos com o “desânimo”, ou seja, a perda da vontade de viver decorrente de escolhas erradas feitas durante a vida (SÊNECA, 1993).

O filósofo coreano-alemão Byung Chul-Han (2015) aponta que, no século XXI, grupos de idosos e imigrantes são vistos como uma “sobrecarga” para as sociedades e para os Estados. Os sentidos atribuídos à velhice são constituídos de outras diferentes denominações, bastante conhecidas: velho, idoso ou terceira idade. Conforme Birman, cada termo acompanha uma percepção social - o velho é associado ao pobre, dependente e incapaz: “o velho é sempre o outro” (BIRMAN, 1995, p. 23).

Esses olhares sociais para o velho são cada vez mais criticados por reproduzirem estereótipos não mais condizentes com o contexto atual, no qual, para muitos, o fator idade não é empecilho para se continuar produzindo e participar da vida cultural e social. Dentre os diferentes espaços de interação dos idosos estão as escolas e universidades. Sendo estas últimas uma opção interessante para resgatar antigos sonhos, continuar estudos rompidos ou recomeçar uma nova carreira.

As Universidades Abertas à Pessoa Idosa têm se constituído como lugar de inclusão dos idosos no ambiente acadêmico, seja como lugar de formação profissional ou de transformação dos modos de vida. Por essa razão, investigamos os desafios enfrentados por idosos da zona rural de Minas Gerais no processo de inclusão na perspectiva da Universidade Federal de Viçosa.

A criação da Universidade Aberta para a Terceira Idade na Universidade de Toulouse 1, no ano de 1973, iniciou uma discussão sobre a importância da inclusão dos cidadãos idosos no cotidiano universitário (VELLAS; ROZENDO, 2015). Percebeu-se que o aumento de idosos resultantes do baby boom (1943-1960) afetaria as sociedades capitalistas no final do século XX. O aumento do número de aposentados impactaria

diretamente as relações de consumo, a circulação de dinheiro e os aparatos de bem-estar financiados pelo Estado (previdência social, sistema de saúde, transporte etc.).

As atividades educativas e de lazer, assim como as denominações das universidades abertas, variam muito em decorrência da região e das demandas existentes (CACHIONI *et al.*, 2015). Os idosos acumulam, ao longo de suas vidas, experiências sociais, pessoais e culturais que influenciam como vivenciarão a velhice e os assuntos que serão interessantes para eles. Dessa forma, torna-se natural que cada UNAPI, por atender idosos com diferentes particularidades, possua as suas próprias atividades e metodologias. Acerca do que é oferecido por esses programas de extensão, citam-se: aulas de dança, artesanato, história da arte, atividades físicas, viagens em grupo e cuidados com a saúde. (CACHIONI *et al.*, 2015)

O trabalho desenvolvido nas UNAPIs está incluso na gerontologia educacional que é dividida em três pilares. O primeiro é a educação para os idosos e abrange programas educacionais para este público (como a UNAPI). O segundo são os programas educacionais para a população (jovens ou idosos) sobre o velho e o envelhecimento. E o terceiro é a formação de recursos humanos para oferecerem serviços aos idosos (NERI, 2014).

O sucesso nas experiências de inclusão das universidades abertas, especialmente os efeitos positivos da educação na saúde dos idosos, tornou-se referência para o ensino superior em outros países. A pesquisadora em gerontologia educacional Mariúza Lima (2000) confirma a importância da inclusão educacional para a saúde mental do idoso, uma vez que o declínio biológico do cérebro se inicia aos 30 anos, quando o órgão começa a perder massa e neurônios por conta de seu mau uso:

O cérebro torna-se um órgão vulnerável, pois alguns pesquisadores acreditam que no início da idade adulta perde-se aproximadamente metade de nossas conexões sinápticas, pelo mau uso ou devido à falta de uso, implicando em um certo grau de declínio cognitivo e perda de uma bioquímica jovem. (2000, p. 39)

Uma política de educação voltada para os idosos pode reduzir problemas de saúde e de socialização que comprometem a qualidade de vida dessas pessoas. A principal característica envolvendo as Universidades Abertas à Pessoa Idosa na Europa e no Brasil é a abordagem interdisciplinar, que envolve conhecimentos das ciências humanas, biológicas e da saúde na sustentação do bem-estar dos idosos (VERAS; CALDAS, 2004). As políticas de inclusão desse público na universidade têm crescido no Brasil, com o aumento da expectativa de vida.

A Organização Mundial de Saúde prevê que, no ano de 2050, o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos com mais de 60 anos. As informações sobre a projeção da população para 2050, divulgadas, recentemente, nas pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008) são de que, nesse ano, pela primeira vez, o número de idosos será igual ao de jovens. (CARDOSO, 2011, p. 76)

Provou-se, com as experiências universitárias na Europa, a hipótese do filósofo Epicuro de que os benefícios da educação não se limitam às idades iniciais da vida, desfazendo os preconceitos de uma educação superior voltada aos jovens ou ao mercado de trabalho - ideias questionadas por idosos que buscam apoio nas universidades. “Daí acreditar que o idoso, independente da idade, pode se transformar, quando lhe são propiciadas oportunidades. Eu acrescentaria que não existe a ‘idade certa’, existem ‘períodos melhores’ para o desenvolvimento humano” (LIMA, 2000, p. 59).

Essa também é a opinião compartilhada por Inouye et al. (2018) em um trabalho que comprovou os benefícios da inserção universitária para o público idoso em detrimento de uma parcela que não frequentava a universidade. Acerca disso, esses autores pontuam:

É preciso que os programas educacionais incluam os idosos, pois esta pode ser uma importante fonte de apoio para o enfrentamento de mais uma etapa do ciclo vital. Sendo assim, o estímulo e o fortalecimento de parcerias entre universidades, fundações educacionais e profissionais de várias áreas para o oferecimento desses programas podem minimizar as dificuldades de se oferecer atividades significativas, prazerosas e de qualidade. (2018, p. 14)

É importante destacar a proposta de Gil (2015) sobre os processos educativos, uma vez que os idosos podem se beneficiar tanto dos relacionados ao ensino formal, quando se pontuam as universidades abertas, quanto ao não formal, ao destacar o PMTI.

Ao longo dos anos foram surgindo diversas concepções relacionadas com aprendizagens mais informais e mais prolongadas: educação permanente e educação ao longo da vida. Neste contexto, importa referir-se o facto da educação não se confinar apenas a um dado percurso escolar formalizado. Ou seja, a educação engloba todos os processos formais, informais e não formais que podem e devem transcender a Escola Institucional que, para além, da aquisição de determinados saberes escolarizados, as restantes dimensões de aprendizagem devem incluir objetivos que promovam uma cidadania ativa e participada, com a possibilidade de integrar projetos de vida e de realização pessoal e, ao mesmo tempo, permitir uma adequada integração social. (GIL, 2015, p. 217)

O maior problema de inclusão dos idosos na educação se insere nas esferas sociais de reconhecimento. Estudos em gerontologia educacional mostram que existe uma resistência inicial à inclusão dos idosos nas escolas e universidades por serem “considerados sujeitos improdutivos e sem capacidade de aprender” (SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2011, p. 60). Por esse motivo, utilizamos as teorias éticas sobre reconhecimento de Axel Honneth como referencial de análise das entrevistas proferidas pelos idosos sobre as percepções que possuem de sua trajetória na UFV.

Para entendermos o cerne do pensamento ético de Honneth, precisamos esclarecer sua concepção filosófica de “eticidade” (*Der Sittlichkeit*). Essa perspectiva teórica se contrapõe ao mito moderno da individualidade, segundo o qual os seres humanos alcançariam sua mais completa existência moral por meio de acordos entre os seus interesses e as necessidades do corpo social, discurso que permeia muitas concepções de ética no campo da educação que têm origem na teoria liberal. A teoria do reconhecimento pressupõe que os seres humanos não ingressam como membros do corpo social, mas “são a própria objetivação do corpo social” (HONNETH, 2003, p. 58). A eticidade surge nas relações vinculares entre as pessoas e o corpo social em que se inserem, tendo como experiência primária as relações familiares.

Os idosos provenientes do campo possuem uma trajetória escolar marcada pela exclusão do sistema de ensino, na maioria das vezes, realizada pelos seus primeiros professores da pré-escola. Eles depreciavam seus saberes e suas condições de vida ligadas ao penoso trabalho do campo, comprometendo a autoestima dos estudantes e seu sucesso escolar, o que configura, na perspectiva de Honneth, “formas de desrespeito, ou seja, às formas do reconhecimento recusado” (2003, p. 213).

As trajetórias de desrespeito enfrentadas pelos idosos que frequentam os programas educativos do PMTI levaram muitos destes a não falar em público ou conceder entrevistas, pois sempre apresentavam receio em falar sobre esse assunto - os oprimidos “hospedando o opressor cuja ‘sombra’ eles ‘introjetam’, são eles e ao mesmo tempo são o outro” (FREIRE, 1994, p. 27). A teoria sobre os oprimidos de Paulo Freire se mostra consonante com as teorias de Honneth uma vez que as relações entre oprimido-opressor se enquadram em uma relação de reconhecimento que o filósofo Hegel denominou de “dialética do senhor-escravo” (FREIRE, 1994, p. 107; HONNETH, 2003, p. 229), estrutura fundamental nas teorias de reconhecimento. O idoso de origem rural internalizou sua opressão a tal ponto que não se reconhece como portador de direitos ao usufruir do PMTI

ou da universidade. As oficinas e os programas de alfabetização são entendidos como um favor e, ao lado de seus colegas urbanos e mais escolarizados, se sentem intrusos (FARIAS; OLIVEIRA; SARAIVA, 2016).

## Condições de produção, metodologia de coleta de dados e de análise

O especialista mundial em UNAPIs, o Dr. François Vellas, aponta que o principal desafio acadêmico é a interação com idosos residentes em áreas pouco urbanizadas ou rurais que estão fora do alcance das principais universidades públicas e privadas que aderem ao projeto (VELLAS; ROZENDO, 2015). Tal necessidade não reside somente na falta de oportunidades devido a distância ou baixo capital econômico, mas também na diversidade de experiências. A Universidade Federal de Viçosa (UFV) se enquadra nas singularidades apontadas. Localizada no interior de Minas Gerais desde sua fundação, em 1926, a UFV possui algumas particularidades: trata-se de uma instituição de excelência mundial, inserida em uma cidade de 72 mil habitantes e que tem serviços voltados para atender a demanda de um público universitário estimado em 20 mil (MAFRA *et al.*, 2014).

Segundo informações obtidas no trabalho das pesquisadoras Farias, Oliveira e Saraiva (2016), a população de idosos de Viçosa está em torno de 8 mil habitantes, o que significa 11% da população total, sendo que uma parte considerável desses idosos vive nas zonas rurais da cidade. Tais dados indicam que as políticas públicas municipais para atender aos dois públicos precisam ser diferentes, uma vez que as demandas sociais não são as mesmas. A importância populacional e econômica da comunidade universitária, que inclui estudantes, docentes e técnicos, impacta na falta de políticas voltadas para o público idoso (MAFRA *et al.*, 2014).

Em 1994, a Prefeitura Municipal de Viçosa criou o “Clube da Terceira Idade” para atender às reivindicações de 90 idosos que buscavam assistência da prefeitura. Incapaz de oferecer as assistências médicas, sociais e educacionais necessárias, a prefeitura pediu o apoio da comunidade acadêmica da UFV. A parceria foi concretizada em 1996 com a criação do Programa Municipal da Terceira Idade. A sede está localizada dentro do campus universitário, na casa 6 da Vila Gianetti. Atualmente, o PMTI atende cerca de 2.600 idosos.

Acerca dos programas educacionais para idosos, Osorio, Rumbo e Cid (2007) destacam a evolução dos mesmos. Segundo eles, existem três gerações distintas de programas direcionados para idosos: os programas de primeira geração são



compreendidos como programas culturais de tempo livre, que possuem, como principal objetivo, proporcionar entretenimento aos idosos e incentivar o estabelecimento de laços sociais entre os longevos e seus pares. Os programas de segunda geração incentivam o convívio entre os idosos e, ao mesmo tempo, agregam atividades educativas para encorajá-los a intervir e procurar soluções para os problemas sociais que vivenciam em seus cotidianos. Por fim, os programas de terceira geração apresentam um plano de estudos específicos e características formais e próprias do ambiente universitário. Para elucidar melhor os programas de terceira geração, Osorio, Rumbo e Cid (2007, p. 308) afirmam: “Estamos perante propostas que dispõem de um plano de estudos específico e de um conjunto de conteúdos organizado e distribuído por um ou vários cursos. Em certos casos, as próprias universidades assumem o compromisso de conferir títulos próprios”.

## Corpus

O Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI) encaixa-se nos programas de segunda geração porque, além de estimular o convívio social dos idosos, também oferta oficinas sobre temas e propostas que visam aumentar a autoestima, a independência e a autonomia dos idosos em suas relações sociais e experiências cotidianas.

Iniciamos a pesquisa de campo em janeiro de 2017, com o objetivo de identificar os problemas que impossibilitavam os idosos de Viçosa de participarem do cotidiano acadêmico da universidade, além de uma pesquisa sobre a inexistência de uma Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UNAPI). A coleta de dados, incluindo as entrevistas individuais, ocorreram na sede do PMTI e foi finalizada em março de 2018. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Durante as observações participantes, notaram-se dois grupos de idosos que frequentavam o PMTI, entretanto, tinham trajetórias e usos distintos da instituição: os de origem urbana e os provenientes da zona rural. O presente trabalho tem como objetivo analisar as trajetórias escolares de quatro idosos provenientes do campo, que concluíram o Ensino Médio, e o papel da Universidade na volta aos estudos.

## Método

Este artigo faz parte do nosso guarda-chuva de dados obtidos e, para tal, utilizamos múltiplas técnicas qualitativas de coleta de dados: pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturadas. De acordo com o exposto na obra de Bogdan e Biklen (1994), a coleta de dados de uma pesquisa deve estar coerente com as possibilidades e alternativas das quais

os pesquisadores dispõem. Desse modo, as escolhas pautaram-se na demanda de tempo e horários disponíveis dos pesquisadores e nos horários das oficinas frequentadas e dos sujeitos entrevistados.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, o trabalho foi dividido em duas partes. Na primeira, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto, com leituras, fichamentos e análises de artigos e livros sobre o envelhecimento e a gerontologia educacional; a implantação, manutenção e benefícios sociais das Universidades Abertas à Pessoa Idosa; o PMTI da cidade de Viçosa e a relevância de proporcionar aos idosos processos educativos de qualidade ao longo da vida.

Na segunda parte, houve o trabalho de campo, composto pela observação participante e pelas entrevistas semiestruturadas. Como se trata de uma pesquisa desenvolvida com seres humanos, foi necessária a autorização do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UFV e a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos pesquisados, conferindo respaldo jurídico às pesquisas<sup>1</sup>.

A observação participante feita pelos pesquisadores no PMTI se configurou no suporte aos especialistas que organizavam as oficinas de cuidados pessoais, memória, psicologia e atividades físicas e nos demais espaços não formais de educação, onde o “foco de estudo centra-se numa organização particular” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 90). A presença semanal durante os oito meses de pesquisa de campo forneceram informações importantes sobre o universo cultural dos frequentadores bem como sobre a distinção entre dois grupos de frequentadores regulares, os de origem urbana e os de origem rural, o que possibilitou análises diferentes diante do problema de pesquisa inicial.

A entrevista semiestruturada com os estudantes idosos de origem rural tem como característica uma demanda de discrição em relação aos seus colegas de origem urbana, mais inclinados ao grupo focal. As perguntas estruturantes das entrevistas foram: 1. Como foram suas experiências escolares? 2. Como sua família via a educação? 3. Por que você voltou a estudar com mais idade? 4. Como você percebe a relação entre a universidade e os idosos? 5. Você estudaria em uma universidade aberta aos idosos?

A última etapa do processo metodológico consistiu na transcrição das entrevistas e no estudo dos discursos, utilizando as fundamentações teóricas na análise e classificação

---

<sup>1</sup> A pesquisa foi registrada e aprovada pelo Comitê de Ética/UFV na Plataforma Brasil. CAAE nº 69762917.5.0000.5153

do material. Os valores morais em relação à escolarização apontaram as situações de desrespeito e as lutas pelo reconhecimento público em serem estudantes em plena velhice.

## Estudo do material obtido durante a pesquisa

Durante as pesquisas documentais, as observações participantes e as entrevistas semiestruturadas, constatou-se que a origem rural dos frequentadores do PMTI apontava para problemas nas trajetórias iniciais de escolarização. A maioria dos participantes se declararam analfabetos ou com o primário incompleto, demandando da universidade a ampliação dos cursos de Educação de Jovens e Adultos.

Pesquisas na área da saúde relatam que idosos residentes nas zonas rurais brasileiras apresentam características semelhantes às encontradas em Viçosa. Por exemplo, maior perda subjetiva de memória em grupos sociais marcados por gênero e etnia: “Os resultados deste estudo demonstram uma perda subjetiva de memória prevalente entre os idosos do sexo masculino, nos que se afirmam negros e nos que têm menor nível de escolaridade e de renda” (MENDES *et al.*, 2016, p. 298).

Fátima<sup>2</sup>, uma das idosas entrevistadas, reafirma a posição dos referidos pesquisadores quando assegura existir uma melhora qualitativa e inclusiva da escolarização em comparação com o seu passado: “Eu acho que melhorou... e é muito legal que tem essas coisas aí, que é na casa 6 que tem muitas atividades lá, né?! Tem as oficinas da memória, tem a voz do idoso, tem tudo isso lá.” (Fátima). Edith<sup>3</sup>, uma das frequentadoras mais participativas do PMTI em 2017, relatou, em uma oficina de memória, que veio da roça e que, no começo, era muito tímida por medo de ser humilhada pelos professores como ocorrera em seu passado. Entretanto, após se sentir incluída e confiante, foi considerada pela equipe do PMTI como participativa, simpática e se tornou empoderada com a educação não formal<sup>4</sup>.

A experiência de empoderamento vivenciada por essa idosa vai ao encontro do trabalho de Alencar (2011), que constata os benefícios da inclusão de idosos em atividades educativas e a relevância que as mesmas possuem para que o processo de envelhecimento seja mais prazeroso.

---

<sup>2</sup> Nome fictício. Casada, negra, aposentada, nasceu em 1943 e é moradora da zona rural de Viçosa.

<sup>3</sup> Nome fictício. Viúva, branca, analfabeta, nasceu na zona rural de Guaraciaba-MG e só se mudou de lá porque estava com sintomas de depressão. A filha a trouxe para morar em Viçosa e a estimulava a participar das atividades do PMTI. Faleceu antes do término da pesquisa.

<sup>4</sup> Nota de campo: 25/04/2017 - registro da oficina de memória e relato de monitores.

Ensinar a envelhecer com atitude positiva tem sido uma preocupação da educação com esse segmento; em outras palavras, ensinar a envelhecer não é outra coisa senão ensinar a viver a velhice de modo mais positivo, ensinar a construir uma cidadania mais consciente, deixando-se aparecer, participar e encontrar pontos de apoio para não ser levado por mensagens que seduzem, mas impessoalizam e discriminam. (ALENCAR, 2011, p. 186)

A entrevista feita com Manoel<sup>5</sup>, frequentador do PMTI, explica muitas das características encontradas em moradores do campo. Ele era o quinto filho de uma família de sete irmãos. Neto de escravos, seus pais eram camponeses analfabetos e trabalharam a vida toda na roça. Questionado sobre sua educação, ele relata:

E a escola lá em casa, era assim, meu pai levantava cedo. Os mais grandes com enxada maior e os mais pequenos com enxada mais pequena, certo?! Todo mundo ia pra roça. Ficava o dia todo até de tarde. Cada um com um feixe de lenha nas costas pra trazer pra casa. Nenhum de nós conheceu a escola. (Manoel)

O trabalho braçal é o centro da vida no campo brasileiro. A educação tem como finalidade o trabalho e, por esse motivo, a escola não se torna prioridade. Pesquisadores que estudaram as colônias de imigrantes no Rio Grande do Sul relatam o mesmo padrão discursivo entre os idosos: “Mesmo quando existe um único filho, desde o princípio, ele é desencorajado pelos pais a se dedicar aos estudos” (HECK; LANGDON, 2002, p. 135).

O trabalho das pesquisadoras Rita M. Heck e Esther J. M. Langdon com mulheres idosas na zona rural de Santo Cristo - RS identificou uma visão de mundo que “acentua a valorização do corpo físico como instrumento de trabalho” (2002, p. 133). Os camponeses aprendem, durante a infância, a desenvolver partes do corpo que serão úteis para a vida adulta no meio rural. Os homens desenvolvem a musculatura do corpo para desempenharem trabalhos que precisam de resistência e força para lavrar, colher e erguer peso, enquanto as mulheres desenvolvem as habilidades manuais que confirmam habilidade e delicadeza para trabalhos manuais como cozinhar, lavar, tecer, costurar entre outras funções que podem render ganho econômico para a família (HECK; LANGDON, 2002).

Encontramos, no discurso de Fátima, uma frequentadora do PMTI, os mesmos problemas na trajetória escolar. Descendente de escravos, nasceu em uma fazenda em Presidente Bernardes - MG. Seus pais e irmãos também não tiveram estudos. Aos 7 anos de idade, sua família foi trabalhar em uma fazenda em Guaraciaba - MG e seus pais a

---

<sup>5</sup> Nome fictício. Casado, negro, aposentado, nasceu em 1945 e é morador da zona rural de Viçosa.

matricularam em uma escola primária. Porém, as necessidades econômicas e o trabalho exaustivo no campo impossibilitaram a permanência dela na escola.

A gente foi para a escola lá, mas naquela época, com 7 anos a gente já sabia capinar, com enxada nas costa, pra ajudar os pais. Aí a gente ia para a escola lá, mas chegava em casa pra estudar, com aquele sono que a gente levantava cedo, né?! Para ir na escola, chegava em casa na hora do almoço, almoçava ali de galope e ia pra roça pra ajudar a capinar. E chegava a noite para fazer o dever pro outro dia, aí tava cochilando em cima do caderno, né?! De cansado de trabalhar na roça, né?! Criança... Aí foi indo, aí a gente depois foi parar de estudar, mas não conseguia né?! Não podia ir na aula, às vezes faltava de aula e coisa, aí foi... ficava direto na roça. Capinava debaixo de chuva e sol. Aí depois a gente ficou, ficou... trabalhava na fazenda lá, socando arroz, plantando arroz, plantando feijão e café até eu casar. (Fátima)

Os discursos de Manoel e Fátima possuem pontos em comum com os outros idosos de Viçosa. A primeira observação reside na percepção prática da educação. Eles afirmam que “ser uma pessoa boa”, “capinar a roça” e “usar a enxada” são conteúdos fundamentais dos seus processos de educação infantil, ou seja, aprenderam a trabalhar e a cuidar dos afazeres domésticos desde cedo. Por esse motivo, eles manifestavam um desagrado encabulado quando os entrevistadores, por deslize, associaram o “analfabetismo” ou a “baixa escolaridade” com a “ausência de educação”, causando um desrespeito no sentido proposto por Honneth (2003). Eles se consideram moralmente educados, detentores de conhecimentos do campo importantes para a vida, e que não se equiparam ao conhecimento obtido na escola.

Paulo Freire (1994) aponta com clareza a relevância do educador de jovens, adultos e idosos em considerar os conhecimentos prévios que seus educandos acumularam ao longo da vida como estratégia de ensino. Logo, ao agir dessa forma, está valorizando a história e cultura dos mesmos. Essa proposta confirma a ideia do parágrafo anterior porque defende que o analfabetismo não está ligado à ausência da educação.

Sobre esse tema, o discurso de Manoel é esclarecedor: “Entre na aula, a matemática nem de um mais dois eu sabia conta. Sabia assim, na cabeça eu fazia qualquer tipo de conta, mas no lápis eu não sabia. Nem de um mais dois eu não sabia.”

A segunda observação reside na oposição entre “sustentar a família” e “estudar”. A carga de trabalho diário dificultava não somente o tempo, mas também a disposição física e mental para se dedicar aos estudos. A escola foi relatada como uma outra modalidade de esforço ou de trabalho.

O terceiro ponto reside na abdicação da escola por uma questão moral, baseada em critérios de eticidade respaldados na teoria do reconhecimento (HONNETH, 2003). Idosos como Manoel não tinham a opção de estudar em uma escola, porém, os que tinham, como Fátima e Edith, abdicaram de seus direitos. Para além da disposição física, os entrevistados em Viçosa - MG, bem como os de Santo Cristo - RS (HECK; LANGDON, 2002), se viram diante de um dilema: trabalhar para ajudar os pais ou estudar? Os entrevistados optaram pela solidariedade com os familiares e não se mostravam arrependidos da decisão.

Manoel, Fátima e Edith voltaram para a escola no intuito de frequentar o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) na década de 1970. Eles precisavam aprender a escrever o próprio nome para conseguir uma carteira de trabalho, mas não conseguiram ser alfabetizados. Ambos relataram que sua escolarização se iniciou quando começaram a participar de atividades ligadas à saúde e à memória no PMTI.

Os programas de saúde, bem-estar, nutrição e prevenção oferecidos gratuitamente pelo PMTI/UFV são a “porta de entrada” dos idosos no universo da educação. Os estudos de saúde pública feitos em comunidades rurais no Brasil apontam que existe um perfil de idosos que relatam uma percepção negativa da própria saúde (PEDREIRA *et al.*, 2015). Esse discurso aparece não só entre os nossos entrevistados, mas nos estudos sociais com a comunidade viçosense (FARIAS, OLIVEIRA; SARAIVA, 2016), nos relatos feitos em Santo Cristo - RS (HECK; LANGDON, 2002) e em Paramoti - CE (ALCÂNTARA *et al.*, 2015).

O perfil dos idosos residentes na zona rural que participaram deste estudo é caracterizado pela feminização da velhice, analfabetismo e coresidência no mesmo domicílio com outras pessoas. Também apresentam autopercepção de saúde negativa. (PEDREIRA *et al.*, 2016, p. 111)

Durante as observações participantes no PMTI, constatamos que as atividades físicas e as oficinas de memória e de psicologia eram as atividades mais procuradas pelos frequentadores. A universidade cria, em termos winnicottianos (WINNICOTT, 1975), um espaço transicional, onde o social e o lúdico, compartilhados em solidariedade com outros idosos na mesma situação, propiciam novos vínculos de socialização e de prazer pela vida. Essa rede de socialização é uma das características dos espaços destinados ao público idoso que reside no campo.

Os idosos vão criando novas formas de sociabilidade, reinventando valores que fortalecem os laços dentro das famílias e da comunidade, permitindo novas formas de relacionamento. Observamos, nesse grupo social, que as pessoas na fase do envelhecimento são as que

dispõem de mais tempo para discutir problemas do cotidiano. (HECK; LANGDON, 2002, p. 145)

Ainda em relação aos resultados das observações participantes, constatamos que o tipo de educação ministrada no PMTI é a não-formal. Essa proposta educativa caracteriza-se por atividades realizadas fora das escolas e por um programa, não necessariamente, com uma sequência hierárquica ou de progressão e com uma duração variável. Todavia, a flexibilidade descrita não é sinônimo de espontaneidade nas ações educativas da educação não-formal. Pelo contrário, as atividades são intencionais, geralmente com o intuito de respaldar e informar aos participantes sobre seus direitos enquanto cidadãos e de instrumentá-los para o convívio social. Acerca dos principais atributos da educação não-formal, argumenta-se:

Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não-formal na atualidade); ela pode colaborar para o desenvolvimento da auto-estima e do empowerment do grupo, criando o que alguns analistas denominam, o capital social de um grupo. (GOHN, 2006, p. 30)

Fátima relata que chegou ao PMTI por indicação de uma amiga, no intuito de se consultar regularmente com um médico e uma nutricionista. Com o tempo, fora convidada para fazer exercícios físicos com os colegas e para participar das terapias de grupo. Durante as falas dos colegas, tanto Fátima quanto Manoel tomaram conhecimento das muitas experiências bem-sucedidas de alfabetização no Núcleo de Educação de Adultos (NEAd) da UFV. Eles foram informados pelos psicólogos dos benefícios da educação para a saúde da mente. Segundo o Centro Internacional de Longevidade do Brasil, “a educação também fortalece a resiliência cognitiva: na velhice, pessoas com maior grau de escolaridade têm risco mais baixo de desenvolver demência do que as que têm menor grau de escolaridade.” (2015, p. 68).

Os idosos do PMTI relataram que se tornaram mais confiantes quando os amigos disseram que os professores tinham paciência e que não ficavam “bravos”, pois o medo da reprodução da violência, como castigo físico e ofensas verbais, fez parte da trajetória escolar deles e/ou de seus filhos. Segundo Honneth, os “maus tratos e a violação física são a primeira forma de desrespeito” (2003, p. 211) que antagoniza os processos de

reconhecimento. O discurso de Dona Maria<sup>6</sup> confere uma dimensão dessa realidade compartilhada: “Apesar de eu não ter frequentado a escola, lembro das experiências dos meus filhos. Eles reclamavam muito dos castigos dos professores”.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1994) ressalta as relações de opressão que existem entre educador e educandos. Durante a infância, eles foram alvos da violência física e verbal por parte de seus professores, então é natural que exista medo de reviver as humilhações, visto que novamente estão se expondo ao processo de ensino e aprendizagem. De acordo com o autor:

A autodesvalia é outra característica dos oprimidos. Resulta da introjeção que fazem eles da visão que deles têm os opressores. De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar. Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais. (FREIRE, 1994, p. 28)

O incentivo da equipe do PMTI/UFV, somado às experiências positivas dos colegas dentro da universidade, resultam em um clima de confiança e coragem para realizar o sonho do estudo. O acolhimento jurídico dos idosos pela universidade, proporcionando dignidade, se enquadra na restauração do reconhecimento:

Os padrões de reconhecimento do direito penetram o domínio interno das relações primárias, porque o indivíduo precisa ser protegido do perigo de uma violência física, inscrito estruturalmente na balança precária de toda ligação emotiva: consta das condições intersubjetivas que possibilitam hoje a integridade pessoal não somente a experiência do amor, mas também a proteção jurídica contra as lesões que podem estar associadas a ela de modo causal. (HONNETH, 2003, p. 278)

A antropóloga Mirian Goldenberg, em seu livro *A Bela Velhice* (2014), defende a ideia de que um envelhecimento saudável necessita de um projeto de vida. Tal projeto não pode ser escolhido por terceiros, uma vez que a experiência de viver é pessoal e por isso precisa ter ligação com as vivências e experiências que o sujeito teve ao longo da vida.

Nos discursos dos idosos pesquisados, pode-se observar que a concretização dos estudos é o projeto de vida que eles adiaram. Na infância, não puderam frequentar a escola

---

<sup>6</sup> Nome fictício. Viúva, sustentada pelos filhos, nasceu em 1938 e é moradora da zona rural de Viçosa. Ela estudou em programas de Educação de Jovens e Adultos, que não considera uma escola.



e, por isso, infere-se que esse desejo ainda está presente na vida deles pela dedicação e pelos sacrifícios que eles enfrentaram para frequentar as aulas no NEAd

Na perspectiva de Arroyo (2017), é necessário reconhecer os educandos adultos como seres humanos que possuem direito à educação e a uma vida justa. Para avançar nessa proposta, o autor sugere ações para tornar o processo de ensino e aprendizagem desses sujeitos mais justo. Ele pontua que o ensino na EJA não deve reproduzir as injustiças sociais e os processos educativos injustos e segregadores dos quais esses estudantes foram alvo anteriormente e que deve haver o reconhecimento do aprendizado resultantes das lutas e resistências que esses educandos enfrentam diariamente. Nas palavras desse autor: “Toda resistência a toda injustiça é educadora. Humanizadora.” (ARROYO, 2017, p. 101)

Mulheres idosas como Fátima se inserem rapidamente na prática dos estudos e costumam, aos poucos, encorajar seus maridos. Manoel se dedicou aos estudos para tirar uma carteira de motorista e, assim, poder levar sua esposa ao médico sem ter a preocupação de ter o carro apreendido na estrada. Muitos idosos aprenderam a dirigir com os parentes na adolescência, mas são raros os que possuem a Carteira Nacional de Habilitação (CNH). Manoel aprendeu a dirigir na juventude, com o seu primo. Aos 57 anos, comprou um carro para ajudar na locomoção dele e de sua esposa. Os amigos, também analfabetos, compraram suas carteiras nos DETRANS em Juiz de Fora - MG ou em Volta Redonda - RJ, em um esquema de compra com examinadores que emitiram as carteiras sem a necessidade de fazer as provas de legislação e prática. Manoel não optou pela compra da carteira nessa época. Quando precisou da CNH por conta das viagens ao hospital, ele decidiu conseguir pelas vias legais e colocou como meta fazer a prova teórica depois que chegasse ao quarto do ano do Ensino Fundamental. Ele relata que, quando atingiu a série pretendida se inscreveu na autoescola e os seus conhecidos fora do PMTI o desencorajaram.

Tirei o quarto ano magrelo<sup>7</sup>... quarto ano apertado mesmo. Aí falei, enquanto não passar nessa prova do Detran eu não sossego. Aí fui um punhado de vez, fui umas 4 vezes, umas 5 vezes em Ponte Nova, aí meu colega discutiu comigo, gozou minha cara: “você é bobo, você acaba de almoçar, fica durante a hora inteira debaixo das árvores estudando diariamente”, vai fazer o exame e toma pau?!’ Meus olhos até escorreu água, mas eu não falei nada. “O que você vai fazer lá? Estuda, estuda e toma pau”. Fiquei caladinho e não respondi nada.  
(Manoel)

<sup>7</sup> Gíria local, que significa ser aprovado com as notas mínimas necessárias para a aprovação.

Com a ajuda dos professores, Manoel estudou e passou na prova teórica do Detran e foi se acalmando. “Quando eu terminei de marcar faltava dois minutos e eu quis dar aquele suspiro alto e não dei, fiz só assim... baixinho, levantei, juntei os trem tudo, entreguei na mão do policial”. O entrevistado chorava emocionado ao relembrar sua aprovação, fazendo questão de mostrar sua CNH. Ele também tentou quatro vezes o exame prático, mesmo sabendo dirigir, até conseguir a aprovação. Racionalmente, ceder à pressão dos policiais e comprar a CNH seria a opção mais econômica e fácil, porém, o que estava em jogo era a realização de um projeto de vida, de um sonho que deveria ser obtido pelos seus esforços no estudo. Aos 60 anos, contando com o apoio da universidade, ele relata ter vencido o maior desafio de toda a sua vida: o sonho de ser alfabetizado e o de tirar a carteira de motorista por mérito, desejo que o acompanhava desde os 18 anos.

Quando perguntamos aos idosos se eles gostariam de participar de uma UNAPI, de escolher as disciplinas e estudar com os mais jovens, eles se animaram. Mesmo tendo percorrido mais de sete décadas de vida, Fátima diz que sonha em assistir a aulas na universidade. Corroborando com a opinião dos idosos entrevistados, pontua-se o trabalho de Franco e Barros Júnior (2013), que analisaram os significados construídos por sujeitos idosos acerca de um programa educacional que integra gerações na cidade de Teresina - PI. Esses autores ressaltaram a importância que as universidades abertas podem ter para o processo de envelhecimento.

As Universidades Abertas trazem como propostas pedagógicas a educação permanente e as relações intergeracionais extrafamiliares. Dependendo das significações dos idosos e jovens envolvidos nos programas detecta-se a solidariedade entre as gerações, o que reafirma a importância do espaço de extensão acadêmico para a otimização de condições favoráveis à vivência do envelhecimento ativo. (FRANCO; BARROS JÚNIOR, 2013, p. 339)

Para as mulheres provenientes do campo é mais difícil a conciliação de horários, pois a maioria delas ainda acumulam funções domésticas, o que impossibilita, em parte, a participação integral nas atividades universitárias. “Aaah eu gostaria, mas aaahh... é que aperta um pouquinho pra gente porque, né?!.. tem os meninos que trabalha, e tem que cozinhar e lavar, tem vez que, às vezes tem certas horas que aperta né?!” (Fátima).

O acúmulo de funções domésticas por mulheres idosas é um comportamento que já foi constatado por pesquisadores da área da gerontologia. Segundo Cardoso (2011), os novos arranjos familiares promovem o convívio de diferentes gerações na mesma

residência. Estas são denominadas relações intergeracionais. Essa convivência ocorre, não raro, porque os filhos não conseguem se incluir no mercado de trabalho ou se empregar em uma função que possibilite o próprio sustento. Diante dessa realidade, os idosos podem acumular tanto a função de prover o sustento da família quanto a de fazer as tarefas domésticas.

Os homens também gostaram da ideia, mas relataram os receios de não conseguir acompanhar as aulas. “Eu gosto de estudar, certo?! Mas na universidade, aqui eu penso que é porque talvez seja difícil demais pra gente, certo?! Que talvez a gente não consegue resolver aquele problema e aí a gente fica com a cara grande, entendeu?!” (Manoel).

## Considerações finais

Os idosos provenientes da zona rural e que frequentam a universidade possuem uma trajetória educacional diferente dos idosos de áreas urbanas que frequentam as UNAPIs, tendo como principais pontos de distanciamento entre eles o capital econômico, as relações de dependência familiar, a necessidade de trabalhar na infância e os traumas vividos durante a tentativa de escolarização. Por esses motivos, os idosos do campo são o público que mais precisa de uma assistência educacional, essencial para a conquista da dignidade pessoal por meio do exercício da cidadania.

No resultado desta parte do trabalho, notou-se como os idosos que nasceram e cresceram nas zonas rurais mineiras desejavam continuar seus estudos no nível superior. Entretanto, por considerarem que não possuíam uma sólida base escolar (por terem estudado na idade adulta ou por terem frequentado cursos supletivos), sentiram-se envergonhados e receosos quando os entrevistadores propuseram a ideia de frequentarem as aulas da universidade juntamente com os alunos regulares da graduação.

Constatou-se que há dificuldade por parte dos idosos do campo em se reconhecerem como estudantes legítimos que gozam do pleno direito ao estudo, bem como da possibilidade de usufruir dos benefícios concedidos pela universidade - bens sociais estes que são utilizados pelos idosos com trajetória social no meio urbano. A violência simbólica à qual os idosos do campo foram submetidos durante toda a trajetória existencial, pelo fato de não terem completado sua escolarização, se torna manifesta nas entrelinhas de um discurso que, segundo as categorias freirianas, se enquadra no discurso do oprimido.

Por fim, é necessário prosseguir com outras pesquisas empíricas focadas nos idosos das zonas rurais, no intuito de criar políticas universitárias mais eficientes para incluir essa parcela da população que, por mais de meio século, foi discriminada e colocada à margem das preocupações sociais nos debates sobre o papel das universidades em regiões agrárias.

## Referências bibliográficas

ALCÂNTARA, A. O., DUARTE, A. G., FROTA, M. H. Velhice e espaço rural: (re)desenhos dos discursos. **Revista Kairós: Gerontologia**, 18, abr./jun., 2015, p. 209-226.

ALENCAR, R. S. D. Velhice e educação ao longo da vida: um imperativo para um convívio mais humano. **Memorialidades**, 15, jan./jun., 2011, p. 167-191.

ARROYO, M. G. **Do Trabalho para a EJA: Itinerários pelo Direito a uma Vida Justa**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BOGDAN, R., BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia, Lisboa: Fim de Século**, 2003.

CACHIONI, M., ORDONEZ, T. N., BATISTONI, S. S. T., LIMA-SILVA, T. B. Metodologias e estratégias pedagógicas utilizadas por educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, 40 (1), jan./mar., 2015, p. 81-103.

CARDOSO, A. R. **Avós no Século XXI: Mutações e Rearranjos na Família Contemporânea**. Curitiba, Juruá Ed., 2011.

CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE – BRASIL. **Envelhecimento Ativo: Um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade**. ILC-Brasil: Rio de Janeiro, 2015.

EPICURO. **Carta sobre a Felicidade** (a Meneceu). São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FARIAS, R. C. P.; OLIVEIRA, K. D. de, SARAIVA, C. S. **Trajetórias e Memórias: Biografia dos Participantes do Projeto 'Esta Ruga Tem História'**. Viçosa: FAPEMIG, 2016.

FRANCO, C. M. B., BARROS JÚNIOR, F. O. O envelhecimento ativo e o espaço acadêmico: significações das pessoas idosas do programa integração de gerações em Teresina-PI. **Revista FSA**, 10 (4), out./dez., 2013, p. 334-346.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GIL, H. Educação gerontológica na contemporaneidade: a gerontagogia, as universidades de terceira idade e os nativos digitais. **RBCEH**. Passo Fundo, 12 (3), set./dez., 2015, p. 212-233.

GOLDENBERG, M. **A Bela Velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GOHN, M. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.** Rio de Janeiro, 14 (50), jan./mar., 2006, p. 27-38.

HAN, B.-C. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HECK, R. M., LANGDON, E. J. M. Envelhecimento, Relações de Gênero e o Papel das Mulheres na Organização da Vida em uma Comunidade Rural. In: M. C. S. Minayo, C. Coimbra (orgs.), **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento: A Gramática dos Conflitos Morais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

INOUYE, K. et al. Efeito da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre a qualidade de vida do idoso. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, 44, 2018, p. 01-19.

LIMA, M. P. **Gerontologia Educacional: Uma Pedagogia Específica para o Idoso**. São Paulo: LTr, 2000.

MAFRA, S. C. T. et al. **Políticas públicas e o processo de envelhecimento: o caso de Viçosa - Minas Gerais**. In: A. C. S. Bifano, T. S. Teixeira (orgs.): **Políticas Públicas e Sua Efetivação Local**. Viçosa: UNIEDHS, 2014.

MENDES, J. M. et al. Fatores associados a queixas subjetivas de memória em idosos residentes em áreas rurais. **Revista Kairós Gerontologia**, 18, jan./mar., 2015, p. 289-305.

NERI, A. L. **Palavras-chave em Gerontologia**. Campinas: Alínea Editora, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Resumo do Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde**. 2015. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

OSORIO, A. R., RUMBO, B., CID, X. M. Programas universitários para idosos. In: A. R. Osório, F. C. Pinto (orgs.). **As Pessoas Idosas: Contexto Social e Intervenção Educativa**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

PEDREIRA, R. et al. Autopercepção de saúde entre idosos residentes em áreas rurais. **Revista Kairós: Gerontologia**, 19, jan./mar., 2016, p. 103-119.

SCORTEGAGNA, P. A., OLIVEIRA, R. C. S. Educação: integração, inserção e reconhecimento social para o idoso. **Revista Kairós: Gerontologia**, 13, jan./mar., 2011, p. 53-72.

SÊNECA. **Sobre a Brevidade da Vida**. São Paulo: Nova Alexandrina, 1993.

VELLAS, F., ROZENDO, A. S. Entrevista com o Professor François Vellas. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: 2015, p. 213-17.

VERAS, R., CALDAS, C. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciência e Saúde Coletiva**, 9, 2004, p. 423-432.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar & a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

## Agradecimento

Essa pesquisa foi financiada com verba de pesquisa da Fundação Arthur Bernardes (FUNARBE) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Agradecemos a coordenação, os professores e os monitores da UFV que administram o Programa Municipal da Terceira Idade de Viçosa.

**Revisores de línguas e ABNT/APA:** *Mônica Moreira de Magalhães*

**Submetido em 18/07/2019**

**Aprovado em 06/04/2021**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)